

MASSAO OHNO

Editor



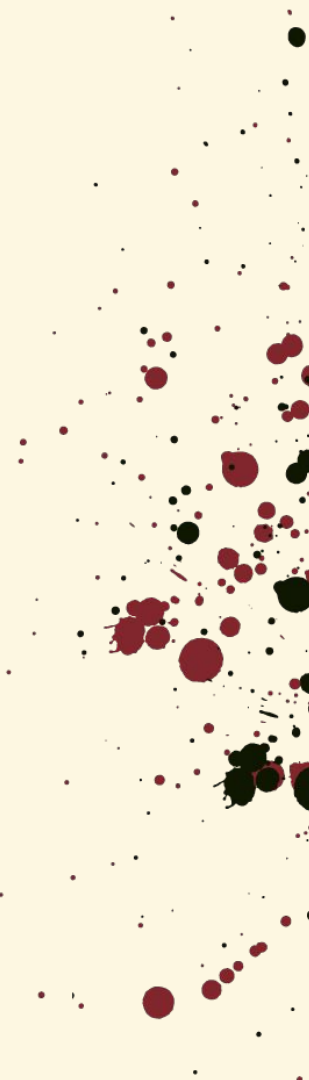
Massao Ohno, Editor

O homem-livro

- Massao Ohno Editora
- O editor dos desconhecidos
- Poesia, cinema e militância



Massao e Hilda Hirst



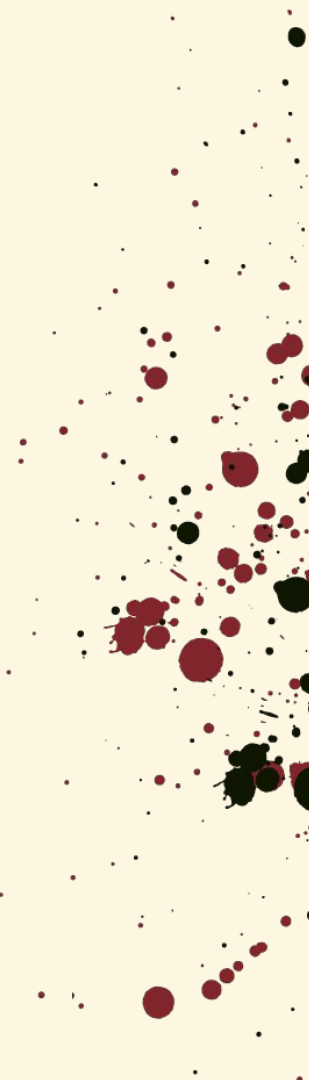
Anos de Chumbo

Poesia e política

- 50-70: Cultura em tempos de ditadura
- 1980: Mercado em transição

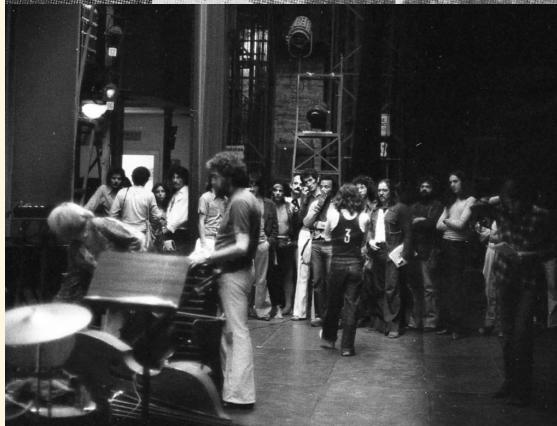


Jovens autores lançados pela Massao Ohno Editora

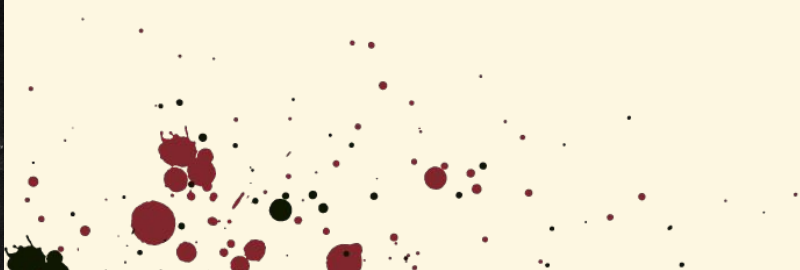


Corpo-a-corpo da poesia

I Feira de Poesia e Arte



- Em 1976, no governo de Geisel, Massao realizou a **I Feira Paulista de Poesia e Arte**, nos dias 8, 9 e 10 de novembro no **Teatro Municipal**. A coordenação ficou a cargo de Claudio Willer e Oswaldo Pepe.
- Um ambiente vibrante, ousado e eclético. Havia música, performances, leitura de poemas, vendas de livros, cordéis, exposições de artes plásticas. Dividiam o espaço artistas renomados e outros menos conhecidos.
- Muitos dos poetas lançados na *Antologia do Novíssimos* puderam recitar seus poemas e ganharam notoriedade.



Corpo-a-corpo da poesia

I Feira de Poesia e Arte

- O evento foi muito atacado pela imprensa conservadora e havia riscos de repressão.

“ *Eu sei que estava cheio de agentes infiltrados lá no teatro. Mandei o pessoal manear um pouco, se não a gente ia sair de lá de camburão. Tanto eu quanto o Willer por vezes achávamos que seríamos presos a qualquer momento.*
(Massao Ohno)



O artista plástico Ivald Granato veste máscara de macaco na I Feira de Poesia e Arte



É o aceso reduto de cultura popular transformado em palco para um "happening" de uma multidão heterogênea: a Feira de Poesia e Arte.

Vejam só, o Municipal

O Municipal das temporadas líricas, dos espetáculos importantes e das concertos musicais, não tem sido o mesmo nestes dias, segunda-feira, por exemplo, invadido por uma população heterogênea formada por escritores, artistas plásticos, músicos, seus convidados ou simples interessados não se sabe bem em que: em poesia, nos rápidos números do Traditional Jazz Band, na polca e colêria coreográfica dos Saltimbancos, nos quadros expostos no primeiro andar ou no Quarteirão Cordas que exibiram Mozart no mesanino. Foi um "happening" do tipo que se podia esperar de um editor como Massao Ono, que apadrinha uma nova geração de poetas, repetindo um trabalho que desenvolveu há dois meses dez anos. Os textos dos livros de Massao que duas dezenas de poetas vendiam ao redor das escadarias do teatro são o que menos importa e que interessa é o trabalho gráfico, as ilustrações, normalmente em comédia de artistas jovens. O texto corrido merece todo o desprezo.

Realmente para quem chegou às 18h30 e uma hora depois es-

tava vendo o stado Quarteto de Cordas do Municipal no mesanino, o tempo de que a festa ia se tornar qualquer coisa literária ou arte não era justo. Mas essa previsão foi desmentida algum tempo depois com a chegada do circunspeto-sorridente candidato a vereador pelo IIRB, Flávio Bierrenbach, que ao lado de outros senhores engrandecidos andou distribuindo um jornalzinho de quatro páginas, "Veniar, uma Forma de Viver", que fazia naturalmente a propaganda do seu nome. Com "Os Saltimbancos", que dançaram e rolaram pelas escadarias do teatro, assistindo as pessoas mais curiosas, com o bem coreografado Coral Luther King no palco, com a leitura de poemas, com a possibilidade de todos que quisessem usar o microfone à disposição no mesanino, com os comentários e as discussões parciais, com o vinho que era gratuito mas pouco. Os poetas — afinal a coisa se chama a Feira Paulista de Poesia e Arte — estavam escondidos atrás das meshinas onde vendiam livros.

Roberto Piva, Cláudio Willer, Renato Pallottini, Jorge da Cunha Lima, Eunice Arruda, Maria

José de Carvalho, Regina Helena Cunha Lima, Dora Ferreira da Silva, Eduardo Ziematti Fonseca e Raul Fieber, entre outros, lançaram livros ou disseram alguns dos seus poemas, mas a "lancura" não parou aí. Tavinho Pam, contista carocão, pegou o microfone e disse que precisava tomar um banho. Perguntou se alguém se habitava o banheiro para casa e afirmou que em São Paulo ninguém fala. "Por que em São Paulo não se fala?" Alguém respondeu que ele, sim, falava demais e o negócio ficou por isso mesmo. Tavinho, o leitor improvisada, resolveu depois entrever pessoas. Perguntou a uma moça o que ela achava do amor: ela respondeu "ótimo" e o contista foi em frente. Um outro rapaz pegou o microfone e propôs, ao invés de um momento de silêncio, um minuto de barulho.

Ganhou a literatura brasileira com isso? Ganhou a poesia,

ganhou a pintura, ganhou a escultura, ganhou a música? Nada: foi confraternização por confraternização. Poetas ficaram satisfeitos com a venda de dois ou três exemplares, comprados espetadamente pela família. Não ignoram que vão ter que sair com os livros nas costas para tentarem passá-los adiante. É a rotina do escritor brasileiro, normalmente do contista, mas que a partir de agora os poetas também vão seguir. Afinal, só com muita insistência conseguirão convencer alguém a comprarem um ou outro volume dos seus livros, geralmente pagos com o dinheiro das próprias bolsos.

O livro quase não saem mais a festa continua por mais um dia pelo mesmo bote.

O português Antônio Teófilo, hoje lavrador em Roselândia, a 30 km de São Paulo, é o músico autor estrangeiro na Feira Paulista de Poesia e Arte. "Elegiada" também foi lançado por Massao Ono, o editor da grande maioria dos livros da feira. Teófilo nunca publicou nada em Portugal, de onde veio há um ano. Mas fez uma poesia revolucionária, "porque toda

poesia tem algo de revolucionária". Influências? Principalmente dos surrealistas portugueses Raul de Carvalho e Mário Cesarini de Vasconcelos. "Poesia não é só divertimento, nem refúgio", diz o poeta de "Elegiada". "É o resultado de uma tentativa de salvação e isso não tem nada de cristão. A beleza pode surgir a qualquer hora, na hora em que eu vou escrever, por exemplo. Mas poesia não é uma sensualidade a sós, é sobretudo trabalho."

Antônio Teófilo, que há três meses está com o irmão num sítio arrendado em Roselândia, nas proximidades de Cotia, cuida lá de colêrias, gôndias e porcos e garante que come "ovos extraordinários toda manhã". Como os outros poetas brasileiros da feira ele também vai ter que trabalhar para vender os poucos exemplares do seu livro, a Crêdo.

Teófilo escreve assim: "De pés descalços... e peito nu/ a mão a querer agarrar alguma/ coisa que já não existe/ na boca um cigar cru / Para recordar o passado/ não será melhor fazer um verso?/ enfim há que conquistar o Universo..."



Alunos, bailarinas, escritores presentes em um momento da feira.



Wladyr Nader

- A réplica à imprensa foi feita em dezembro, através do livro *Véspera de Aquarius*, de Jorge da Cunha Lima. Massao Ohno foi responsável pela diagramação e coordenação técnica.



Um salão nobre de cultura paulista transformou-se em palco para um "topping" de uma multidão heterogênea na Feira de Poesia e Arte.

Vejam só, o Municipal

Nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 1976, uma feira de poesia mudou os rumos do Teatro Municipal de São Paulo.

De fato, a iniciativa do editor Massao Ohno, destinada a promover o lançamento simultâneo de 25 livros de poesia, de autores cuja idade variava de 18 a 70 anos, transformou-se no mais importante acontecimento cultural deste ano. As portas do austero teatro, mais voltado para espetáculos de elite, se abriram para abrigar mais de 15 mil pessoas de todas as classes sociais, muitas das quais entraram pela primeira vez naquele Teatro.

Espetáculos de ballet, concertos de música de câmara e de vanguarda,

exposições de pintura, fotografia e gravuras, balizaram a leitura de poemas, aplaudidos cada noite com mais entusiasmo.

A atitude insólita de um jovem que urinou no palco quase serviu de pretexto para que se transformasse a iniciativa num escândalo político orquestrado para demitir o Secretário de Cultura e fazer o Municipal retroceder a uma orientação conservadora e antipopular.

O sucesso da I.ª Feira Paulista de Poesia e Arte surpreendeu os próprios organizadores, mas já estimulou os poetas a prepararem espetáculos da mesma natureza em todo o país.

Corpo-a-corpo da poesia

Poster-poema

- Em 1981, Massao Ohnou realizou uma parceria com uma das maiores editoras do país, a Civilização Brasileira, sediada no Rio de Janeiro e conduzida por Ênio Silveira.

“ *Acreditam os dois editores que, cada vez mais, a poesia é necessária, indispensável à salvaguarda do que ainda resta de humano no angustiado animal chamado homem, nesta quadra do final do século XX.*

(Carlos Menezes)

- Em parceria com Ênio Silveira, Massao lançou uma coleção de onze pôsteres, os *poster-poemas*, em 19 de setembro de 1981.



PHILOBIBLION
MASSAO OHNO / ROSWITHA KEMPF
EDITORES

apresentam

Affonso Romano de Sant'Anna
Carlos Drummond de Andrade
Ferreira Gullar
Hilda Hilst
João Cabral de Melo Neto
Mario Chamie
Moacyr Félix
Paulo Mendes Campos
Thiago de Mello
Vinicius de Moraes

em posters, formato 53 x 73 cm,
com reproduções de trabalhos de

FLAVIO DE CARVALHO, FERNANDO
LEMON, MANABU MABE, MARILIA
KRANZ, PAULO GOMES GARCEZ,
PEDRO DE MORAIS E
PABLO PICASSO.

Dia 19 de setembro de 1981
a partir das 20 horas, com a presença
da maioria dos autores e ilustradores.

Museu da Imagem e do Som
AV. EUROPA, 158

EM NOME DA VIDA

— Meu pai, o que é a liberdade?

— É o seu rosto, meu filho, o seu jeito de olhar o mundo a pedir guarda no brilho do seu olhar. A liberdade, meu filho, é o próprio rosto da vida que a vida quis desenvolver. É a sua terra, minha meada iniciada há milhões em direção ao amor, um corpo feito de nevem carne, sal, doces, cênis e bandamentos de cênis. A liberdade, meu filho, é o próprio rosto de amor.

— Meu pai, o que é a liberdade?

A não-épica, o campo d'água na mesa qual um altar aberto ao homem que pensa com o vento verde do mar. É o ao simples de amar o amigo, o vinho, o câmbio da mulher olhando a tarde — latuça cortada ao meio, tremor de brasses que parecem, estio de crina sem frio.

— Meu pai, o que é a liberdade?

É um homem morto na cruz por querer demais a vida — a vida nunca perdida. É o sonho que finda em desgracia no alva que, combatido, deixa suas penas de graça na grade em que foi ferido... A liberdade, meu filho, é a realidade do fogo do meu rosto quando ardo na mesma noite a buscar a luz que pede guarda nas terras de nossa estirpe.

É a branca barba de Karl a se misturar com a neve de Londres fria e sem fim, sua concepção sobre as libertações quânticas mach. É Van Gogh e a sua tortura de viver em quartos em Arles com o sol poroso em sua pintura. É o longo verso de Whitman, feridas descomensuradas com o barro da Terra para a tempo industrial. É Federico em Granada. É o Homem morto na cruz por estar sempre plantado e a faz que sua morte expande pontual como uma copada.

— Meu pai, o que é a liberdade?

A liberdade, meu filho, é coisa boa que assusta: visto torto (que falta) da vida contra o destino traçado de ponta a ponta como já contada conta país sem dois olhos sãos. É o homem amigo da morte por querer demais a vida — a vida nunca perdida. É o sonho que finda em desgracia no alva que, combatido, deixa suas penas de graça na grade em que foi ferido... A liberdade, meu filho, é a realidade do fogo do meu rosto quando ardo na mesma noite a buscar a luz que pede guarda nas terras de nossa estirpe.

— Meu pai, o que é a liberdade?

É um homem morto na cruz por querer demais a vida — a vida nunca perdida. É o sonho que finda em desgracia no alva que, combatido, deixa suas penas de graça na grade em que foi ferido... A liberdade, meu filho, é a realidade do fogo do meu rosto quando ardo na mesma noite a buscar a luz que pede guarda nas terras de nossa estirpe.

O homem, eu homem, só sobrevive da morte a circular as vidas em sombras opacas de uma Vida em que sua luz só existe a morrer, não existe e nem nunca existiu a não ser em um não-ser se olha ao lado de deus na ponte?

Se os vici fazemos, ah, como tiram (em frente ao sol) dos nossos medrosos alarces.

É inútil querer parar o Homem, o que transformará a pedra em pio, o pio em casa e a casa em fonte de novas músicas da carne. É inútil querer parar o Homem, o que gira em torno de si próprio a velocidade da luz e da vontade no micro-ê de vida a cavalgar os cavaleiros alvos da simbiose sob uma indolência corruada. É inútil querer parar o Homem e o líquido que o transforma sempre na pátria sem fim de sua breje que arranca a vida e o tempo e as coisas do espírito indolente dos consórcios. Ah, que mistério maior é este que liga a liberdade e o homem e que o homem a outros homens como o curso de um rio ao mar! Quando a noite é uma individual, nos olhos da mulher que se ama acende-se o divo deste segredo — a mesma sombra ol não transporta ao fundo sem nome da vida.)

É inútil querer parar o Homem. De que serve ficar o gesto alto a ser o germe de outro gesto que ainda nem vemos no tempo. Isto as crianças nos lembram quando rodam em nossas portas em suas de dia que foi sono e agora são as espantosas bicletas que se vão levando para outros dias do acaso, do desceio e da luz em que não seremos mais, eternamente. É inútil querer parar o Homem, o seu sonho a dar beleza voltas ou a inventar estradas no cânceis, o seu sonho mais essencial a destruir e a edificar e a entender muitas de qualquer distorção.

É inútil querer parar o Homem e seu sonho, o mais de flor, de apagar dos livros da terra o fútil da inocência que utiliza no céu de aço a beleza afônica. Seu sonho, que é o seu movimento mais moderno e mais para frente, de ver no armário dos museus o mamul seco e sem asa que queiramos o corpo e o asa em dezaltes dadas na infância (e os livros de Derr & Haver dos poderes de Manhattan comertando Deus e o mundo).

É inútil querer parar o Homem e seu sonho de enterrar sob o verde poço de uma história livre os dogmas do stalinismo grande como esquadraço sobre a boca múltipla da vida e a subdesenvolvida falta dos tiranos que bebem o ataque pago com o sangue de sua pátria). É inútil querer parar o Homem em todo que de amor cantar o seu sonho caminhar e encaminhar na direção dele próprio do econômico em que ora se fratura. É inútil querer parar o Homem, o que transforma a pedra em pio, o pio em casa e a casa em fonte de novas músicas da carne. A andar em formas de palavras sob os ardores da vida o sonho do Homem caminhar do pensamento para os mios e dar mãos para o pensamento, nota e dia caminhar. Ah! tentar as mãos em glaxatos livres, insteramente livres, para armar o azul ou as várias almas do céu quando do Homem que se movimenta na liberdade, no amor e no desceio em que si o próprio inventa.

Moacyr Félix



POEMA DIDÁTICO

Não vou sofrer mais sobre as armações metálicas do mundo Como o fiz outrora, quando ainda me perturbava a rosa. Minhas rugas são prantos da véspera, caminhos esquecidos, Minha imaginação apodreceu sobre os lados do Ouro. No alto, à vista de todos, onde sem equilíbrio precipitei-me. Oba de meus próprios fantasmas, sonhei-me. Morro de meu próprio pensamento, destruí-me. Pansa repentina, vocação de mentira, desprei-me. Quem sofreria agora sobre as armações metálicas do mundo, Como o fiz outrora, espertando a grande cruz sombria. Que se deita sobre a cidade, olhando a ferrovia, a fábrica. E do outro lado da tarde o mundo enigmático dos quintais. Quem, como eu outrora, andaria cheio de uma vontade-infeliz. Vazia de naturalidade, entre as rasas pontas do subúrbio. E montes cujos vertentes descem infláveis no porta de mar?

Meu instante agora é uma supressão de saudades. Instante Parado e opaco. Difícil se me vai tornando transportar este rio que me confundia outrora. Já deixei de amar os desceimentos. Canso-me de ser visto agora sei que sou real em um mundo real. Fátio, desprezando o outrora, impedi que a rosa me perturbasse. E não olhei a ferrovia — mas o homem que sangrou na ferrovia — E não olhei a fábrica — mas o homem que se consumiu na fábrica — E não olhei mais a estrela — mas o rosto que refletiu o seu fulgor.

Quem agora estará absorto? Quem agora estará morto? O mundo, companheiro, decerto não é um desceio De metafísicas magníficas (como imaginei outrora) Mas um desceimento de frustrações em combate. Nêle, como causa primeira, existe o corpo do homem — cabeça, tronco, membros, aspirações a bem-estar — E só depois consolações, jogos e amarguras do espírito. Não é um vago hábito de inefável ansiedade poética Ou vaga divinalização de poderes ocultos, rosa Que se sustentasse sem haste, impingida, como a flor outrora. O mundo nasceu das necessidades. O caos, ou a Senuir, Não filtraria no escuro um homem inconsequente, Que apenas palpitate ao sopro da imaginação. O homem É um gesto que se faz ou não se faz. Seu absurdo — Se podemos admiti-lo — não se redime em injustiça. Deusa na Terra um fruto. Força é repartido. Entre os filhos da terra, Força — não que herdaram — E fazer esse gesto, disputar esse fruto. Outrora, Quando ainda me perturbava a flor e não o fruto, Quando ainda sofria sobre as armações metálicas do mundo, Arruado como um cão metafísico, eu gantia para a eternidade. Sem compreender que, pelo simples trevoço de gozimo, A vida enganava a vida, e homem enganava o homem. Por isso, agora, organizei meu sofrimento ao sofrimento De todos: se multipliquei a minha dor, Também multipliquei a minha esperança.

Paulo Mendes Campos





DEVANEIO

Conversar com a noite
quando as estrelas sonham.

Pedir a bênção aos peixes
enquanto no rio as águas correm.

Esperar a serpente oculta
no ventre do bosque.

Tatear o teu rosto como um cego
e colher amores em teus seios.

Demandar sonhos e delírios
— e servê-los de olhos abertos.

Tingir de sangue a memória
— e pedir aos pássaros no céu
um pouco do ar que me falta.

Abrir a janela
— e encher a casa de nuvens.

Mário da Silva Brito

3/1/70



MABE

No espaço do campo, passa o homem e sua miragem.
No espaço da cidade, dorme o homem em sua passagem.
No espaço da consciência, gera o vírus a sua voragem.
Por todos esses espaços, de surda força indomável,
passa o espaço da palavra com sua selva sem margem.
Na selva dessa paisagem, no centro de sua arena,
age a força do poema, meu objeto selvagem.

MÁRIO CHAMIE



AFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

QUE PAÍS É ESTE?

Há 500 anos caçamos índios e operários,
há 500 anos queimamos árvores e hereses,
há 500 anos otupramos livros e mulheres,
há 500 anos sugamos negros e algarúis.

Há 500 anos dizemos
que o futuro a Deus pertence,
que Deus nasceu na Bahia,
que São Jorge é que é guerreiro,
que do amanhã ninguém sabe,
que conosco ninguém pode,
que quem não pode socorre.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão.

Há 500 anos propalamos
este é o país do futuro,
antes tarde do que nunca,
mas vale quem Deus ajuda
e a Europa ajuda se curva.

Este é um país de síndicos em geral,
este é um país de cínicos em geral,
este é um país de civis e generais.

Este é o país do descontinuo
onde nada congemina,
e somos índios perdidos
na eletrônica oficial.

Nada nada congemina,
a mão leve do político
com nossa dura rotina.

o salário que nos come
e nossa sede canina,
a esperança que comparados
a nossa fé em ruína,

nada nada congemina,
a placidez desses santos
e nossa dor preguiça,
e nesse mundo às avessas
— a cor da noite é abelara
e a claridade vespertina.



O HAVER

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura
essa instabilidade perfeita com o silêncio.
Resta esse seu íntimo perdido por todo.
Perdeste o dia não tem culpa de ter nascido.

Resta esse antigo respeito pela noite
esse falar baixo
essa mão que tábua antes de ter
esse modo de ferir tocando
esse jeito não de homem
cheio de nostalgia para com tudo que existe.

Resta essa instabilidade
essa exatidão de gestos
essa ternura cada vez maior diante do infinito
essa garatua infantil de quem quer balbuciar o inexprimível
essa irreduzível renua à poesia não vivida.

Resta esse romance com os sons
esse sentimento da matéria em repouso
essa angústia da simultaneidade do tempo
essa lesta descompensação poética
em busca de uma si vida
de uma si morte
em si Vitérias.

Resta esse coração queimando
como um certo nome católico em ruínas
essa tristeza diante do cotidiano
essa sêtila abertura ao ouvir na malaguada
peço que se perdessem sua memória.

Resta essa vontade de olhar diante da beleza
essa cegueira cega em face da injustiça e do mal-entendido
essa íntima piedade de si mesmo
essa intensa piedade de sua inicial poesia
de sua lesta infantil.

Resta esse sentimento da infância subitamente desventurada
de pequenos absurdos
esse total capacidade de rir a toa
essa cênica descejo de ser útil
e essa coragem de comprometer-se sem necessidade.

Resta essa distração, essa disponibilidade,
essa vagância de quem sabe que tudo já foi,
como será e virá a ser.
E em mesmo tempo esse desejo de servir
essa contemporaneidade com o amanhã
dos que não tem outro nem hoje.

Resta essa facilidade incoerível de sonhar,
de transgredir a realidade
dentro dessa incapacidade de aceitar tal como é
e essa visão ampla dos acontecimentos
e essa impressionante e desordenada profecia
e essa memória anterior de mundos inventados
e esse herético cotidiano
e essa preparação luz indelével
a que às vezes se postou-bomem por esperança.

Resta essa obstinação em não fugir de habilitado
na busca desesperada de alguma porta
quem sabe inventado
e essa coragem individual diante do grande mundo
e em mesmo tempo esse terrível modo de renunciar
dentro da treva.

Resta esse desejo de sentir-se igual a todos
de refletir-se em outros sem continuidade, sem história.
Resta essa pobreza intrínseca, esse orgulho,
essa validade de não querer ser príncipe sem o seu reino.

Resta essa facilidade à mulher e ao seu tormento
esse abandono sem arretratos à sua voragem insaciável.
Resta esse claro morrer na cruz de seu herói
e esse eterno resuscitar para ser reutilizado.

Resta esse dilúvio cotidiano com a morte
esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada,
ela virá me abraçar a porta como uma vella amante
sem saber que é a minha mais nova numerada.

VINÍCIUS DE MORAIS



COISAS DA TERRA

Todas as coisas de que falo estão na cidade entre o céu e a terra.

São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso a palavra solidária minha mão aberta ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende um flama inoperada no coração de maio.

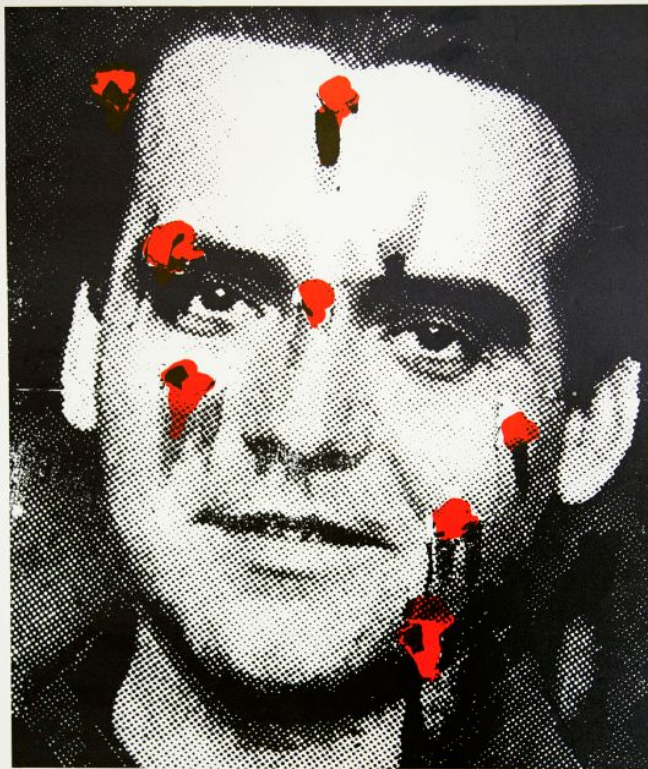
Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário. Mortalmente inseridas no tempo, estão dispersas como o ar no mercado, nas oficinas, nas ruas, nos hotéis de viagem.

São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias.

acidentes do trabalho e do amor. Coisas, de que falam os jornais às vezes tão rudes às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade.

Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e esperança.

FERREIRA GULLAR



A Pintura Maria Lemos

Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada Quem, senão eu, te cantará primeiro. Quem senão eu Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu Que bebi na tua boca a fúria de umas águas Eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei Porque dizias amor de mis entrañas, viva muertes. Ah, se souberes como ficou difícil a Paesía. Triste garganta o nosso tempo, TRISTE, TRISTE. E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória E cantar de repente: dos arados van e vãn

dende Santiago a Beléns.

Os cardos, companheiro, a aspreza, o luto A tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo: Deglutindo a palavra cada vez mais fundo.

Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão: Mas está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram Se tu cantas! ESTAS MORTO. Sabes por quê?

«El pasado se pone su coraza de hierro y tapa sus oídos con algodón del viento. Nunca podrá arrancárcese un secreto.»

E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhas Azuis, brancos e amarelos hão de gritar morte aos poetas! Morte a todos aqueles de lícidas artérias, tatuados De infância, o plexo aberto, exposto aos lobos. Irmão. Companheiro. Que dor de te saber tão morto.

HILDA HILST

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

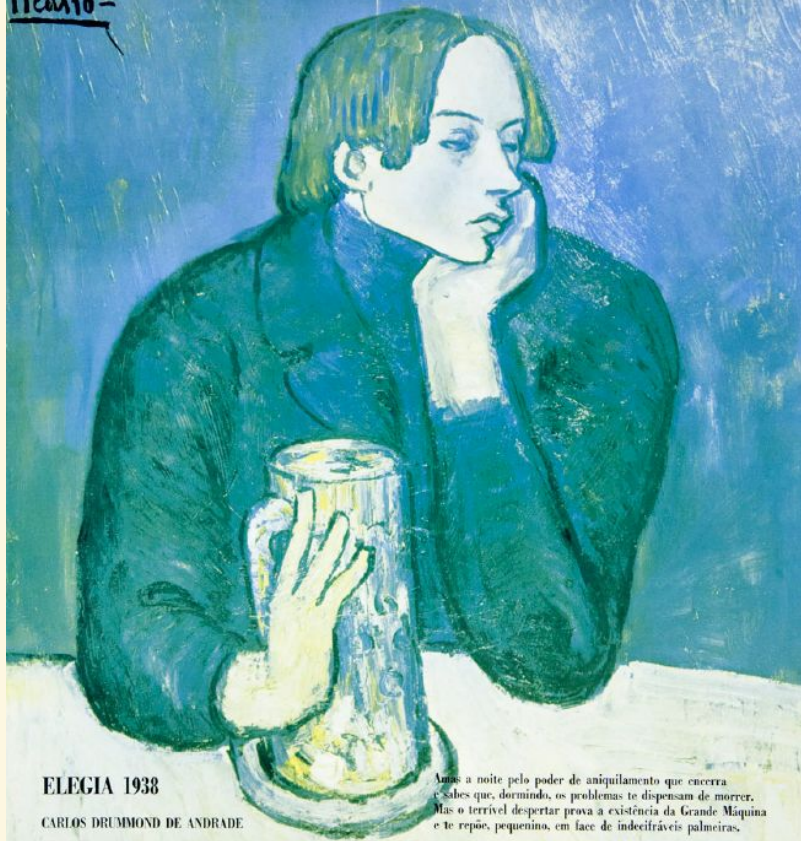
Uma educação pela pedra: por lições:
Para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inefática, impessoal
(pela de dieção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compactar:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletirá.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO



Picasso-



ELEGIA 1938

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a remissão, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Anas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

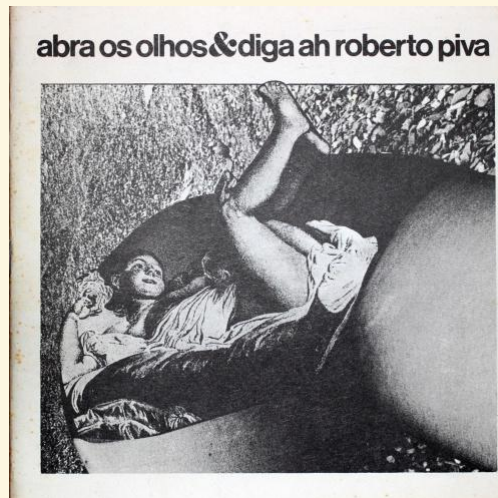
Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssima tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

Massao Ohno e a edição de poesia

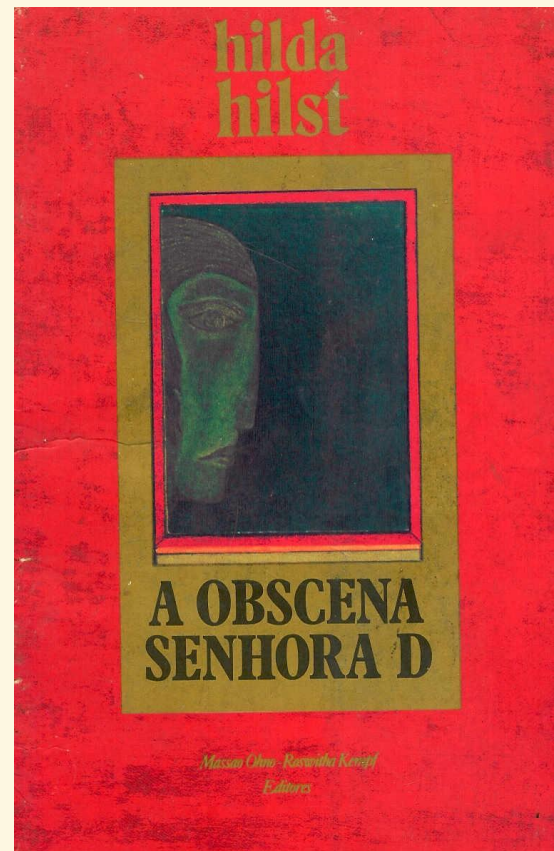
Contextualização

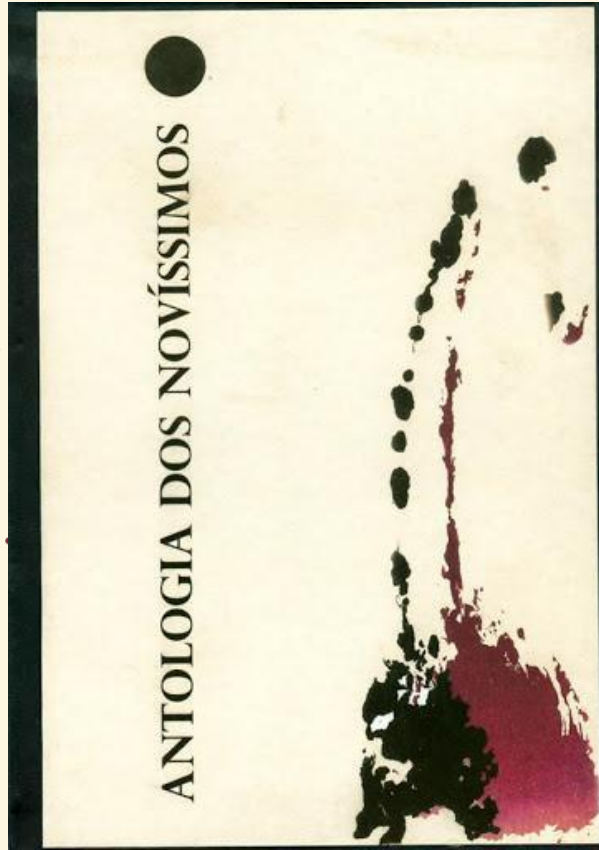
- Destaque no mercado editorial
- Critérios pessoais de publicação



Relação autor/editor

- Receptividade com autores novos e antigos
- Preocupação com o conteúdo
- Relação próxima com os autores editados





Antologia dos Novíssimos

Década de 1960

- Nova geração de poetas
- Maior visibilidade aos autores da coleção



Bibliografia

ROSENBLATT, Maurício. Nunca tantos leram tão pouco. *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1949.

SILVEIRA, Ênio. Mais um passo à frente. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 4, v. 1, jul-ago. 1953.

TANNO, Juliana Kase; KIKUCHI, Wataru. *Massao Ohno / Só poeticamente / Se pode viver*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.



Alessandra Brandão Buthi Domingos n°USP 11767409

Laura Hirayama Dantas n° USP 11767393

Lucio de Godoy n° USP 11767330